



REVISITANDO A VARIAÇÃO LEXICAL NO VOCABULÁRIO DA FAUNA EM PARESI-HALITI

REVISITING LEXICAL VARIATION IN THE VOCABULARY OF FAUNA IN PARESI-HALITI

Amanda Medeiros Costa de Mesquita (UFPA)¹

amanda.mesquita@ilc.ufpa.br

Larissa Wendel de Lima Sosinho (UFPA)²

larissawendellima@gmail.com

Ana Paula Barros Brandão (UFPA)³

apbrandao@ufpa.br

RESUMO: Este artigo apresenta resultados preliminares da pesquisa desenvolvida sobre a variação lexical existente em Paresi-Haliti, com ênfase no levantamento sociolinguístico do duplo vocabulário. A referida língua indígena conta com, aproximadamente, 3.000 falantes que estão distribuídos em nove terras indígenas, no estado do Mato Grosso, próximo ao município de Tangará da Serra. O objetivo da presente pesquisa foi aprofundar a análise existente sobre a variação lexical até então descrita em Paresi, bem como fazer um levantamento sociolinguístico do léxico, com ênfase na identificação dos aspectos sociolinguísticos e culturais que distinguem as duas (ou mais) variantes usadas para um mesmo referente (duplo vocabulário). Foram utilizados dados dos trabalhos de Kezomae (2006), Silva (2009), Brandão (2014) e Lima-Sosinho (2018) e do banco de dados da língua. A reanálise dos dados resultou em uma nova hipótese de que o tipo de variação encontrada é a diastrática, sendo que uma das variantes é encontrada no discurso especializado dos contadores de histórias tradicionais.

PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística. Variação lexical. Paresi-haliti.

ABSTRACT: This article shows preliminary results of the research carried out on the lexical variation existing in Paresi-Haliti, with emphasis on the sociolinguistic survey of the double vocabulary. This indigenous language has approximately 3,000 speakers who are distributed in nine indigenous lands, in the state of Mato Grosso, close to the municipality of Tangará da Serra. The objective of the present research was to deepen the existing analysis on the lexical variation described so far in Paresi, as well as to carry out a sociolinguistic survey of the lexicon, with an emphasis on the identification of the sociolinguistic and cultural aspects that distinguish the two (or more) variants used for the same referent (double vocabulary). The works of Kezomae (2006), Silva (2009), Brandão (2014) and Lima-Sosinho (2018) and the language database were used. The reanalysis of the data resulted in a new hypothesis that the type of variation found is a diastratic one in which one of the variants is found in the specialized discourse of traditional storytellers.

KEYWORDS: Sociolinguistics. Lexical variation. Paresi-haliti.

¹ Graduada em Letras -Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Mestranda em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará (PPGL-UFPA). Bolsista do Centro de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível superior (CAPES).

² Graduada em Letras -Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Mestranda em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará (PPGL-UFPA).

³ Professora da Faculdade de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará (PPGL-UFPA).



1 Introdução

Estima-se que, na chegada dos portugueses ao Brasil, existira por volta de 1.200 línguas indígenas em todo o território, porém, com o passar dos séculos, este número sofreu uma redução considerável, contabilizando no século atual, cerca de 180 línguas indígenas. Contudo, conforme Moore *et al.* (2008, p. 1), “Embora 180 venha sendo repetido com frequência como sendo o total de línguas indígenas brasileiras, pelo critério de inteligibilidade mútua, a soma dificilmente ultrapassa 150”. Conforme os autores, nessa época, um número considerável de línguas apresentava uma descrição ainda incipiente ou nenhuma descrição. Nos últimos anos, os estudos linguísticos realizados com línguas indígenas têm apresentado um avanço considerável, porém são poucas as que foram descritas para além do nível morfossintático, a exemplo da Língua Apurinã⁴ (Aruák), descrita em Padovani (2016; 2020) em que é possível verificar uma extensa descrição de aspectos sociolinguísticos da referida língua.

Com o intuito de contribuir tanto com a documentação como a descrição linguística das línguas indígenas no âmbito da sociolinguística, esta pesquisa tem como objetivo apresentar um estudo preliminar acerca da variação lexical presente em Paresi, com ênfase no uso extensivo de duas ou mais formas lexicais para um mesmo referente, chamado em Lima-Sosinho (2018) de duplo vocabulário. Nossa hipótese é de que o uso dessas formas dentro do campo semântico de nomes de animais faça parte de um vocabulário especializado relacionado à variação diastrática, considerando-se a fala dos sábios, tendo pouca correlação com a variável faixa etária e contextos de uso. O Paresi é uma língua indígena pertencente à família linguística Aruák, falada por uma comunidade de mesmo nome localizada na região do Mato Grosso. Atualmente, os Paresi somam uma população de aproximadamente 3.000 pessoas, sendo aproximadamente 90% desta, falantes da língua e bilíngues em sua maioria.

Conforme Padovani (2020), algumas línguas indígenas apresentam um alto nível de sinonímia em que duas ou mais palavras são utilizadas para nomear um único referente em um domínio específico do léxico, a exemplo da fauna e flora. Essa sinonímia pode ser

⁴ Língua indígena pertencente à família linguística Aruák, falada por uma comunidade de mesmo nome localizada as margens de vários afluentes do rio Purus, no sudoeste do Estado do Amazonas.



motivada por diversos fatores, tais como: distribuição geográfica, faixa etária dos falantes, tabus culturais, etc. Um exemplo disso é a forma como os Apurinã reportam-se a ao conceito cipó de tracuá. O mesmo conceito pode ser atribuído ora como *tũnytsa*, ora como *katxipukyrytsa*. Comumente, a distinção entre estes pares de elementos se dá pelo fato de que enquanto uma forma é utilizada usualmente no dia a dia da comunidade, outra é utilizada em contextos mais específicos. Um processo semelhante a este ocorre na língua Paresi, os quais nomeiam o item lexical ‘capivara’ com duas formas. O mesmo conceito pode apresentar ora a forma *oli*, ora *alamenare*, sendo a primeira forma usada no cotidiano e a outra forma considerada pelos falantes como a forma “científica” por ser usado apenas em determinados contextos da língua.

Os resultados expostos ao longo deste artigo são oriundos da pesquisa de campo realizada na comunidade indígena do Rio Formoso, localizada no estado do Mato Grosso, no ano de 2017 e dados organizados em um banco de dados lexical e textual da língua no programa computacional FLE⁵ (*Fieldworks Language Explorer*). A pesquisa sobre variação nessa língua teve início em 2017 e foi tema de trabalho de conclusão de curso de uma das autoras e continua sendo tema de dissertação de outra pesquisadora da língua. O aspecto a ser analisado ao longo desta discussão será observado à luz dos pressupostos teóricos da sociolinguística e da dialetologia. Para isto, utilizaremos os arcabouços teóricos de Labov (2008), Coelho, *et al.*, (2015) e Cardoso (2010) e tomaremos por base para a análise o trabalho de Lima-Sosinho (2018) sobre a variação em Paresi. Os procedimentos metodológicos utilizados para a realização desta discussão são oriundos da metodologia usualmente empregada em trabalhos de descrição e análise linguística de línguas naturais, tais como: levantamento bibliográfico a respeito do tema proposto e utilização do banco de dados de textos.

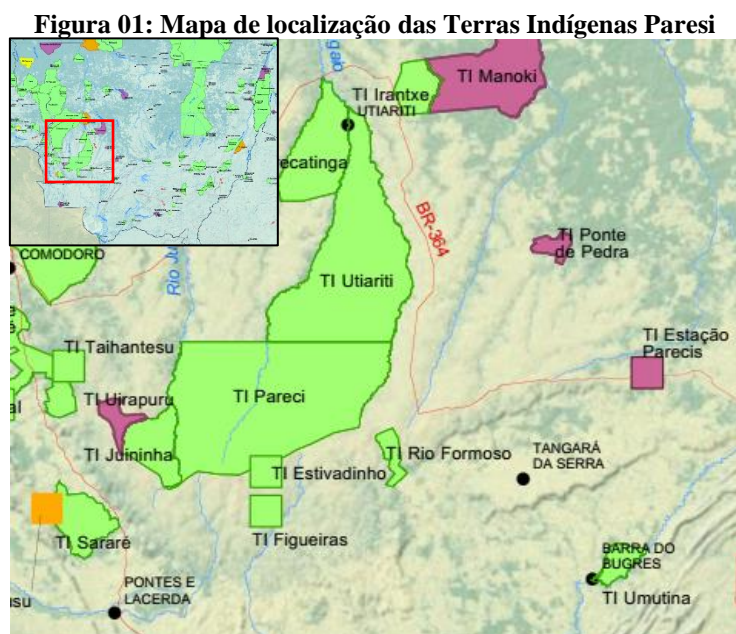
Diante disto, este artigo encontra-se organizado em cinco seções. Na primeira seção será realizada uma breve exposição acerca da língua e povo Paresi. A segunda seção apresentará uma breve exposição acerca dos principais subsídios teóricos utilizados na

⁵ O *Fieldworks Language Explorer* (FLE⁵) é um programa de computação produzido pela *Summer Institute of Linguistics* (SIL), que permite o gerenciamento de dados linguísticos e culturais, além de oferecer suporte para a criação de entradas lexicais, internalização de textos, análises linguísticas e criação de dicionários.

pesquisa. Por sua vez, na terceira seção serão apontados os principais aspectos metodológicos empregados para o desenvolvimento desta pesquisa. A quarta seção apresentará uma discussão sobre a variação lexical em Paresi, enfatizando as variações diageracional e diafásica. Na quinta seção será apresentada as considerações finais obtidas a partir da realização desta discussão. Por fim, serão apresentadas as principais referências utilizadas para fomentar esta discussão.

2 O povo e a língua Paresi

O Paresi é uma língua indígena pertencente à família linguística Aruák (*Glottolog* code pare1266, latitude -14,59 e longitude -57,41), falada por uma comunidade de mesmo nome localizada na região do Mato Grosso, na faixa do cerrado amazônico, a aproximadamente 500 km da capital Cuiabá. O mapa abaixo ilustra a localização das Terras Indígenas Paresi.



Fonte: ISA. Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/acervo/mapas-e-cartas-topograficas/brasil/terras-indigenas-no-brasil-dezembro-2021>



Conforme Brandão (2014), há nove terras indígenas Paresi: Rio Formoso, Utiariti, Estação Parecis, Estivadinho, Pareci, Juininha, Figueira, Ponte de Pedra e Uirapuru. A comunidade onde foi feita a pesquisa de campo, Rio Formoso, está localizada na terra indígena de mesmo nome.

A denominação Paresi não consta no léxico da língua. Esse nome foi dado por estudiosos para denominar esse povo. O termo usado por eles é *Haliti* que significa “gente” ou “povo” e, por isso, encontramos também a denominação *Haliti-Paresi* ou *Paresi-Haliti*. Conforme a mitologia Paresi, o povo está subdividido nos seguintes subgrupos, que ocupavam territórios distintos: *Kaxíniti*, *Wáimare*, *Kozárene*, *Warére* e *Káwali*.

Segundo Lima-Sosinho (2018), em viagem de campo, observou-se que a organização social dos Paresi sofreu algumas alterações. Um exemplo disso, é o casamento entre membros de subgrupos diferentes, que antes era considerado impróprio, porém atualmente a miscigenação é tão comum em algumas comunidades, a ponto de não ser mais possível identificar um indivíduo como pertencendo a um determinado subgrupo. Nesse novo contexto, as marcas linguísticas de cada subgrupo já não são tão aparentes. Esse aspecto parece estar relacionado com a variação geográfica, pois, em algumas aldeias predominam alguns subgrupos que ainda existem, fazendo com que um determinado dialeto sobressaia na comunidade. No Rio Formoso, predominam os subgrupos *Waimare* e *Kaxiniti*, já na aldeia Rio Verde, predominam os descendentes dos subgrupos *Kozarene-Enomaniere*.

Alguns dos principais trabalhos sobre a língua Paresi são: Rowan & Burgess (1969), Silva (2009, 2013) e Brandão (2010, 2014), e alguns dos trabalhos mais recentes sobre a língua são os de Lima-Sosinho (2018), Mesquita (2018) e Pereira (2018). Há apenas três trabalhos que abordam com mais detalhes a temática da variação linguística: Drude (1995), Kezomae (2006) e Lima-Sosinho (2018). Alguns trabalhos levantaram hipóteses sobre a variação lexical no Paresi. Brandão (2014), em sua tese de doutorado, apresenta uma descrição morfossintática da língua Paresi, apontando a existência de uma variação lexical envolvendo itens do campo semântico da fauna e flora, bem como de alimentos e objetos tradicionais do povo. A referida autora acrescenta que essa variação



está relacionada à idade dos falantes, ou seja, os jovens desconhecem os termos utilizados pelos mais velhos, já que se trata de conhecimentos que os mais antigos detêm sobre a cultura do referido povo.

Kezomae (2006), trabalho publicado por um professor indígena da comunidade Rio Verde, uma das comunidades do povo Paresi, apresenta dados que mostram que, de fato, há variação lexical na língua e que essa está relacionada à idade dos falantes. Porém, o autor afirma que a motivação para que os jovens usem outra forma é a mudança temporal, ou seja, há palavras antigas (usadas pelos mais velhos) e palavras atuais (usada pelos mais jovens) no Paresi. O referido autor comenta ainda que há variação linguística motivada pelas diferentes falas dos subgrupos desse povo indígena, aspecto que será comentado no decorrer deste trabalho.

Outro estudo que discorre brevemente sobre a existência de variação lexical no Paresi é Silva (2009). O referido autor classifica duas variedades no Paresi: variedade majoritária (também chamada de Kozarene-Enomaniere) e variedade minoritária (também chamada de Waimare-Kaxiniti). Conforme o autor, essa variação é condicionada pelo fator geográfico. Em Silva (2009) também encontramos indícios que apontam para uma variação diaétnica, visto que as variedades são separadas conforme os subgrupos existentes.

Lima-Sosinho (2018) é o primeiro trabalho, ainda que preliminar, que descreve a variação lexical e suas possíveis motivações associadas a: i) distribuição geográfica; ii) subgrupo étnico; iii) sexo do falante; iv) idade do falante; e v) contexto de uso da forma. Iremos abordar esse estudo com mais detalhes na seção 4.

No decorrer desta seção fornecemos ao leitor um breve panorama a respeito da língua e povo Paresi. Na seção seguinte, apresentaremos uma breve exposição acerca dos principais subsídios teóricos utilizados para fomentar este estudo.

3 Variação linguística e os estudos de línguas indígenas

Conforme Mollica (2013), a sociolinguística se faz presente em um espaço interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade, ressaltando especialmente os

empregos linguísticos concretos, principalmente os de caráter heterogêneo. Entre as áreas de interesse desta ciência, destacam-se os seguintes ramos: contato entre as línguas, questões relacionadas ao surgimento e desaparecimento de línguas, multilinguismo, variação e mudança linguística. Meyerhoff (2006) acrescenta que apesar do interesse em áreas diversificadas, há um ponto em comum entre as diferentes áreas de investigação: o interesse em compreender como os falantes fazem uso da linguagem, como ela se configura de acordo com o ambiente e quais aspectos motivam as variações ocorridas em determinada língua.

Os primeiros estudos sociolinguísticos, como os de William Bright, em 1964, partiram da hipótese de que a sociolinguística deveria correlacionar as variações linguísticas em uma dada comunidade de fala juntamente com as diferenças existentes na estrutura da sociedade. Visto que a linguagem humana é caracterizada pela constante variação e mudança linguística podemos ponderar que vários são os fatores que exercem influência na escolha do falante sobre as variantes utilizadas dentro de uma comunidade de fala, escolha esta que pode ser motivada por elementos linguísticos e/ou extralinguísticos. A junção destes dois elementos tem sido alvo de interesse e investigação da sociolinguística variacionista, que apresenta como um dos seus princípios a afirmação de que a variação linguística constitui um fenômeno universal e presume a existência de padrões de uso de formas linguísticas alternativas denominadas variantes.

A abordagem variacionista assentou-se na década de XX, nos Estados Unidos, sob a ampla influência de William Labov. A perspectiva variacionista busca investigar de que maneira os fatores linguísticos e extralinguísticos estão relacionados ao uso de variantes nos variados níveis da gramática, além de compreender de que modo a variação é regulada. A partir das pesquisas de William Labov, os estudos dos fenômenos linguísticos incluíram os aspectos externos à língua (social, histórico, ideológico, cultural, etc.), como forma de explicar e sistematizar a variação linguística. Segundo a visão de Labov, não há falante-ouvinte ideal, nem uma comunidade de fala homogênea, sem que haja variação em pelo menos um nível linguístico. Assim, a variação dentro de um sistema linguístico é inerente, isto é, não há dois falantes que se expressem exatamente do mesmo modo, pois suas vivências e seus contextos sociais não são os mesmos.



A variação linguística é comumente descrita como o processo pelo qual duas ou mais formas podem ocorrer com o mesmo valor referencial e/ou representacional, em outras palavras, com o mesmo significado. A variação é inerente às línguas, e não compromete o bom funcionamento do sistema linguístico e nem impossibilita a comunicação entre os falantes. Sendo assim, embora os falantes compartilhem da mesma língua, existem características que diferenciam a fala de um determinado grupo social de outrem. A fala característica de determinado grupo que compartilha aspectos semelhantes entre seus componentes dá-se o nome de variedade (COELHO, *et al.*, 2015). Por exemplo, em termos geográficos, podemos pensar nas variedades paraense e carioca, e em termos sociais é possível pensar na variedade dos falantes mais escolarizados e menos escolarizados, na variedade dos falantes mais jovens e mais velhos, entre outras. Já o termo variável é concebido como o lugar da gramática em que ocorre a variação, de forma mais abstrata (COELHO, *et al.*, 2015) enquanto o produto desta variação é denominado variante, formas individuais que “disputam” pela expressão da variável.

A variação ocorre nos mais diversificados níveis linguísticos, a saber: lexical, fonológico, morfofonológico, morfossintático, sintático e discursivo. Contudo, estudiosos apontam que o maior índice de variação é o lexical. Conforme Coelho *et al.*, (2015), estas diferenças podem ser condicionadas por fatores internos ou linguísticos (a exemplo da ordem dos constituintes em uma sentença, classes de palavras envolvidas no processo de variação, aspectos semânticos, etc) e fatores externos ou extralinguísticos (a natureza social, gênero/idade, escolaridade, faixa etária do falante).

A variação geográfica, também chamada de variação diatópica é o fator que possibilita identificar a origem territorial de uma pessoa, observando o seu modo de falar. É um tipo de variação comum em línguas indígenas, principalmente aquelas que são faladas por várias comunidades com grandes distâncias entre si, como é o caso do povo Apurinã (Padovani, 2020), Paresi (Lima-Sosinho, 2018) e Terena (Belizário e Gomes, 2015). Segundo os poucos trabalhos que descrevem a variação linguística em Paresi (Silva, 2009; Drude, 1995; Lima-Sosinho, 2018), há variação nos níveis fonético e lexical que é aparentemente motivada pelo fator diatópico. Silva (2009) descreve a referida língua como tendo duas variedades linguísticas, as quais ele chama de Variante



Majoritária e Variante Minoritária. Conforme o autor, os falantes da variedade minoritária habitam em áreas próximas à fronteira com a Bolívia, descendentes de pessoas do subgrupo Waimare, enquanto os falantes da variedade majoritária são de comunidades que se dizem descendentes dos demais subgrupos.

Porém, a variação geográfica pode ser muito mais complexa, já que podemos identificar uma variação entre comunidades. Lima-Sosinho (2018) menciona que um de seus objetivos iniciais era investigar a variação lexical motivada pelo fator geográfico, porém, devido à falta de oportunidades de visitar outras comunidades Paresi e a ausência de sistematicidade nos dados dispostos em Kezomae (2006) sobre a comunidade Rio Verde, não foi possível apresentar uma análise aprofundada sobre esse tipo de variação. Ela dá alguns exemplos desse tipo de variação nas comunidades Rio Verde e Rio Formoso: *tsemazematya* e *aiminita* para ‘obedecer’ e *tyama* e *waiyeheta* para ‘sara’, respectivamente.

Já a variação social ou diastrática possui quatro condicionadores: o grau de escolaridade; o nível socioeconômico do falante, o gênero/sexo e a faixa etária (COELHO, et.al., 2015). Na geolinguística (CARDOSO, 2010), a variação de acordo com o gênero/sexo e faixa etária não pertencem à variação diastrática, mas são consideradas à parte como variação diagenérica e diageracional. Segundo Maia (2006), em algumas comunidades indígenas, é comum a distinção de gêneros de fala relacionados às atividades sociais, políticas e religiosas, a exemplo do gênero conhecido como choro ritual praticado pelo povo Karajá. Vamos aprofundar essa questão ao analisar os dados de Paresi na seção 4.

Uma variação do tipo diastrática que não é comumente mencionada na literatura, é a condicionada pelo fator etnicidade, a chamada variação diaétnica (da CUNHA GUEDES, 2020). Lima-Sosinho (2018) verifica esse tipo de variação que ocorre na fala dos subgrupos étnicos do povo Paresi. Para ilustrar esse tipo de variação, a autora fornece os exemplos das palavras para ‘sal’ e ‘beiju’, que possuem duas ou mais variantes, dependendo da etnia ou subgrupo ao qual o falante pertence: a variante *tsewe* é usada pelos falantes considerados *Kaxiniti* e a variante *boreta* (empréstimo do Português), pelos *Waimare/Enomaniere*. Outras variantes motivadas pelo fator diaétnico estão relacionadas



à palavra ‘beiju’: o empréstimo do Português *biju* é usado pelos falantes pertencentes aos grupos *Waimare/Enomaniere* e a forma *tamakali*, pelos *Kaxiniti*. O fato interessante desse exemplo é que o grupo *Waimare* é considerado o grupo que está mais distante da tradição Paresi e que, por essa razão, usa mais empréstimos do Português.

A variação diagenérica mostra-se aspecto diferenciador da língua falada pelos homens e mulheres, principalmente no que diz respeito ao léxico. Esse tipo de variação também é atestado em línguas indígenas brasileiras, a exemplo da língua Karajá, pertencente à família linguística Karajá, do tronco Macro-Jê, que apresenta diferenças formais entre a fala de homens e mulheres. As palavras *estrela*, *avô* e *céu* são referidas de maneira distintas conforme o gênero/sexo do falante. Se declaradas por falantes do gênero feminino apresentam respectivamente as seguintes formas: *takina*, *wylabike* e *biku*. Se declaradas por falantes do gênero masculino temos: *taina*, *wylabie* e *biu*. Reis e Brandão (2018) também citam que existe essa variação em Enawene Nawe em termos de parentesco, a exemplo dos termos *nadaese akeró* ‘cunhada’ e *tamiro* ‘sobrinha’, usados por falantes do sexo masculino, e *netai akeró* ‘cunhada’ e *nodaixo* ‘sobrinha’, usados por falantes do sexo feminino.

É importante ainda mencionar a variação diageracional, a qual é relacionada com a diferença na fala entre falantes de faixas etárias distintas. Um exemplo dessa variação em uma língua indígena é a palavra *amãtxuary* em Apurinã, que segundo Padovani (2016), além de ser restrita a algumas comunidades, também é restrita à faixa etária dos mais idosos por ser uma forma mais antiga.

Por último, a variação diafásica está relacionada ao fato de que a língua é fásica, ou seja, se realiza em diferentes situações comunicativas, existindo para o falante a possibilidade de selecionar entre registros (CARDOSO, 2010). Um exemplo dessa variação ocorre em Apurinã com os itens ‘*tũnytsa*’ e ‘*katxipukyrytsa*’, utilizados para se referir ao conceito cipó de tracuá. Padovani (2016) explica que a distinção entre estes pares de elementos ocorre da seguinte forma: enquanto o primeiro termo é mais comumente usado no dia a dia da comunidade, o segundo é utilizado em contextos mais restritos (geralmente quando os falantes desejam enfatizar uma propriedade específica do elemento em questão). Esse tipo de variação é considerado como o mais elementar do que

os demais e reafirma a importância do registro de diversos gêneros em línguas indígenas, desde conversas espontâneas a gêneros mais tradicionais, a exemplo das narrativas cosmológicas. Na próxima seção serão descritos os procedimentos metodológicos empregados na realização desta pesquisa.

4 Metodologia

Inicialmente, realizamos uma compilação de dados dispostos em trabalhos de descrição, a saber: Kezomae (2006), Silva (2009), Brandão (2014) e Lima-Sosinho (2018), além de dados no banco de dados da língua. O banco de dados no FLEEx contém 2406 itens lexicais e 58 narrativas pertencentes a vários gêneros, tais como: narrativas tradicionais, histórias de vida, benzenções, conversas e descrições de atividades tradicionais ou de lugares. Os dados encontrados nos referidos trabalhos incluem termos da fauna, flora, termos relacionados à culinária Paresi, elementos da natureza e alguns verbos. Selecionamos os itens relativos à fauna que constituem uma lista com 186 itens para uma análise mais detalhada no artigo. Infelizmente, não foi possível fazer uma nova pesquisa de campo devido à pandemia do Covid-19. Apresentamos abaixo um recorte da lista de palavras utilizadas na análise de dados desta discussão.

Imagem 01: Recorte da lista de palavras relativo à fauna

163	Sucuri	Menetse		Anakitxiore	Menetse		Menese
164	Surucucu	Zolokoko		Zolokoko	[iazenamare]		
165	Tracajá	Ikyoré					
166	Tamanduá	Tikyore					
167	Tamanduá bandeira			Tikyore			
168	Tamanduá mirim	Walivetse		Walivetse			
169	Tatu bola	Wamotse		Yete			
170	Tatu bolinha	Alatatse		lyonomenare ~ wamotse	[ihunomenar ese] ~ wamose		
171	Tatu canastra	Malula		Waikyoatxihali ~ malola			Maose
172	Tatu galinha	lyete					
173	Tatu peba	Olawali dyo		Makolitsa			Malola

Fonte: Produzido pelas autoras.

Utilizamos principalmente dados coletados por Lima-Sosinho (2018), que coletou uma lista de palavras com 168 itens lexicais, elaborada a partir do trabalho de Kezomae (2006), o qual apresenta um minidicionário com termos conhecidos pelo povo Paresi. Nesse trabalho, a autora estratificou os consultores indígenas em células sociais (grupos de indivíduos que compartilham as mesmas características sociais) conforme o gênero e a faixa etária. A estratificação empregada no trabalho de Lima-Sosinho (2018) pode ser melhor compreendida a partir da imagem abaixo:

Imagem 02: Estratificação dos consultores indígenas em células sociais conforme o gênero e a faixa etária



Fonte: Lima-Sosinho (2018)

A partir da imagem acima, podemos constatar que os falantes foram divididos conforme o sexo (feminino e masculino) e a faixa etária, envolvendo falantes de diferentes idades e dos dois sexos. As siglas FEI, FEII e FEIII correspondem respectivamente aos grupos de falantes das seguintes faixas etárias FEI (falantes entre 20 e 30 anos); FEII (falantes entre 35 e 50 anos) e FEIII (falantes a partir de 60 anos ou mais). Os critérios utilizados estão relacionados às hipóteses iniciais de que o duplo vocabulário poderia ser motivado pelo fator geracional e pelo sexo. O procedimento de coleta de dados ocorreu por meio de sessões de elicitación com seis falantes no total, um falante para cada célula, pois infelizmente não foi possível ter acesso a mais falantes para ter o número recomendado de pelo menos cinco por célula. Depois de gravados, os dados foram transcritos foneticamente e organizados em tabelas, de acordo com as células consideradas. Fornecemos abaixo um recorte da lista de palavras coletadas por Lima-Sosinho (2018).

Imagem 03: Amostra da lista de palavras coleta na comunidade Rio Formoso

GLOSA	CONSULTORES					
	FE3M	FE3F	FE2M	FE2F	FE1M	FE1F
1. Capivara	[ˈulɪ]	[ˈulɪ]	[ˈulɪ]	[ˈulɪ]	[ˈulɪ]	[ˈulɪ]
	[alamenaˈre]	[alamenaˈre]	[alamenaˈre]	---	[alamenaˈre]	---
2. Cobra	[anakiˈjɪhore]	[ˈuwi]	---	---	[ˈuwi]	[ˈowi]
3. Surucucu	---	[θoloˈkoko]	---	---	---	---
4. Sucuri	[meˈnetse]	[meˈnetse]	---	[meˈnetse]	[meˈnetse]	[meˈnetse]
5. Ema	[ˈawo]	[ˈawo]	[ˈawo] [amere makalore]	[ˈawo]	[ˈawo]	[ˈawo]
6. Ema fêmea	[θoˈlajru]	[uhiˈdʒuli]	---	[uhiˈdʒuli]	[awohiˈdʒuli]	[awomokotse]
7. Ema macho	[oloˈmare]	[eˈnali]	---	[eˈnali]	[awoeˈnali]	[emaeˈnali]
8. Veado	[makaˈlore] [alemakaˈlore] [amelemakaˈlore]	---	---	---	---	[makakalore]
	[θoˈtjare]	[θoˈtjare]	---	[θoˈtjare]	[θuˈtjare]	[θuˈtjare]
9. Gambá	[ˈmene]	[ˈmene]	[ˈmene]	[ˈmene]	[ˈmene]	---
	[ˈkure]	---	---	---	[ˈkure]	---

Fonte: Lima - Sosinho (2018)

Intentou-se ao longo desta seção expor ao leitor os principais recursos metodológicos utilizados para a coleta dos dados principais da pesquisa. Na seção seguinte apresentaremos as principais motivações da variação relativa à atribuição de duas ou mais formas lexicais em um domínio específico do léxico na língua Paresi.

5 Revisitando a análise da variação lexical em Paresi de Lima-Sosinho (2018)

Lima-Sosinho (2018) descreve e analisa, de forma preliminar, a variação lexical existente na língua Paresi, encontrando os seguintes tipos de variações, de acordo com os correlatos extralinguísticos: variação diatópica, diaétnica, diagenérica, diageracional e diafásica. Dentre essas variações, consideramos a variação diastrática, relativa aos fatores: geracional e situacional e a de gênero de fala, vinculada a determinada atividade social exercida na comunidade (este tipo não é mencionado no trabalho da autora), como importantes para o entendimento das motivações da variação lexical no campo semântico

da fauna. Dito isto, ao longo desta seção vamos expor e discutir, ainda que de forma concisa, as principais ideias encontradas no trabalho da autora.

No decorrer de seu trabalho, Lima-Sosinho (2018) observou que uma das motivações da existência de diferentes formas distintas atribuídas a um mesmo referente era o uso das mesmas em diferentes contextos, a chamada variação diafásica. Consoante a Cardoso (2010), a variação diafásica está atrelada ao comportamento do falante mediante a situação em que este se encontra, isto é, considera-se aspectos tais como o momento de sua realização, a situação em que é produzido, a postura do falante em relação ao instante da elocução e ao tipo de uso que faz da língua. No Paresi, enquanto uma forma é utilizada no dia a dia da comunidade, a chamada variante informal, a variante formal é restrita a contextos específicos de usos formais da língua, a exemplo de cânticos sagrados, narração de histórias, rituais de curas, festas tradicionais, etc. Na tabela a seguir, apresentamos uma amostra dos dados referentes a duas variantes: a formal e a informal, que aqui chamaremos de específica e usual, conforme será explicado abaixo.

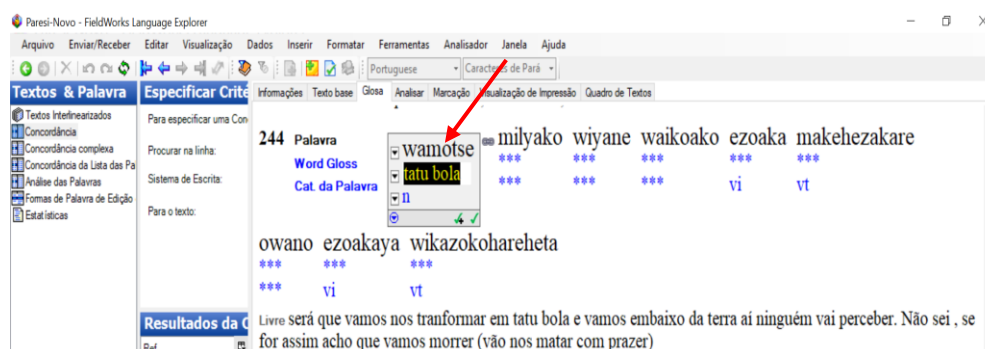
Tabela 1: Amostra das variantes específica e usual

NOMES EM PORTUGUÊS	NOMES EM PARESI	
	VARIANTE ESPECÍFICA (FORMAL)	VARIANTE USUAL (INFORMAL)
1. Capivara	<i>alamenare</i>	<i>oli</i>
2. Coró	<i>kahenetsetse</i>	<i>mokoti</i>
3. Cutia	<i>zoliromene</i>	<i>hekere</i>
4. Jacaré	<i>kamomenare</i>	<i>yakare</i>
5. Onça-pintada	<i>katomolikyoa tihore</i>	<i>txini kazaidire</i>
6. Sucuri	<i>anakitxihore</i>	<i>menetse</i>
7. Tatu bolinha	<i>iyonomenare</i>	<i>wamotse</i>
8. Tatu canastra	<i>waikoatxihalini</i>	<i>malola</i>
9. Urubu	<i>zatidyare</i>	<i>oloho</i>
10. Veado	<i>kaiyenamalo</i>	<i>zotyare</i>

Fonte: Produzida pelas autoras

A partir da consulta aos textos em Paresi, no banco de textos no FLEx, verificamos a ocorrência das variantes informais também em narrativas tradicionais como a do *Txinikalore*, ilustrada na imagem abaixo retirada do FLEx. Sendo assim, o termo variante informal não seria o mais adequado, já que é a variante mais comumente usada e conhecida.

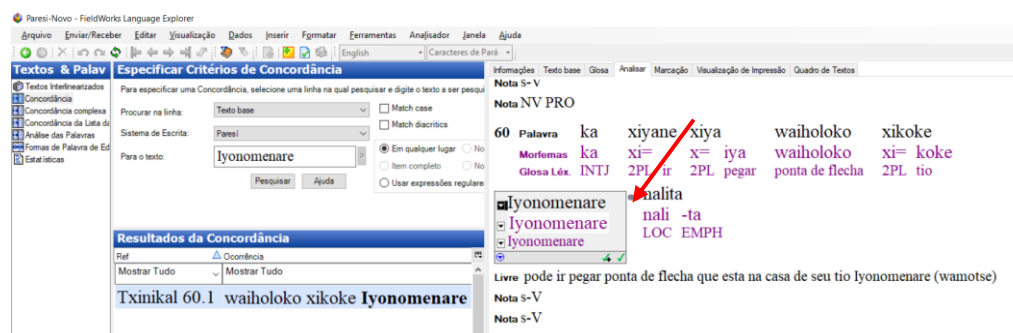
Imagem 04: Amostra das ocorrências da variante informal ‘wamotse’ presente na base de dados Paresi



Fonte: Fieldworks Language Explorer (2022).

A variante específica referente ao mesmo animal, *Iyonomenare*, também foi encontrada na mesma história, se referindo especificamente a um tatu que é tio dos personagens principais *Wakomone*, *Wazoliye* e *Kerakwama*.

Imagem 05: Amostra das ocorrências da variante específica ‘Iyonomenare’ presente na base de dados Paresi



Fonte: Fieldworks Language Explorer (2022).

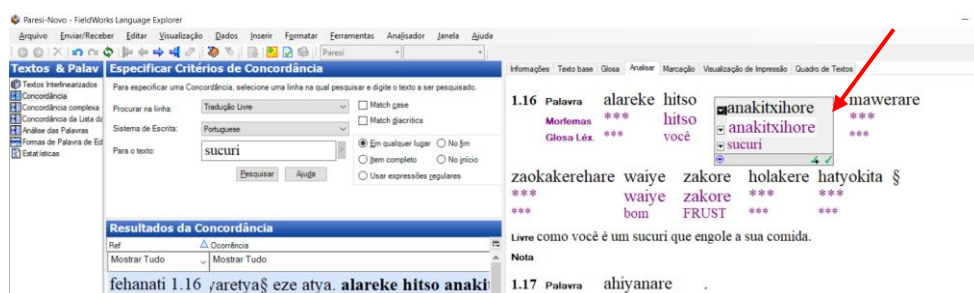
Outro exemplo, são as variantes para ‘sucuri’, a variante usual *menetse* foi encontrada em um texto que narrava a ida ao rio para bater timbó, já a variante específica *anakitxiore* apareceu em um texto do gênero benzenções (chamado *fehanati*), como podemos ver nas imagens do banco de dados. Além desses termos, outros serão investigados futuramente a fim de verificarmos a ocorrência dessas variantes específicas em narrativas tradicionais.

Imagem 06: Amostra das ocorrências da variante usual ‘menetse’ presente na base de dados Paresi



Fonte: Fieldworks Language Explorer (2022)

Imagem 07: Amostra das ocorrências da variante específica ‘anakitxiore’ presente na base de dados Paresi



Fonte: Fieldworks Language Explorer (2022)

No que diz respeito à forma, com relação às variantes usuais, pode-se observar que são formas mais simples (com exceção do item 5), pois apresentam apenas duas a três sílabas e não possui sufixos; enquanto as específicas apresentam mais de três sílabas, são formas complexas morfologicamente que possuem sufixos e semanticamente



descrevem alguma característica do referente. Por exemplo, a variante formal do item 2 é formada pela palavra *kahene* ‘perigoso’.

A hipótese inicial de Lima-Sosinho (2018) era de que essa variação estava relacionada não apenas ao fato de que uma variante estava restrita a uma situação, mas também à faixa etária dos falantes, já que os jovens pareciam desconhecer os termos utilizados pelos mais velhos. Os resultados apontaram que grande parte dos consultores mais jovens não usavam as variantes específicas. Sabemos que em todas as línguas, os jovens falam diferente dos velhos, abandonando certas construções e adotando novas. Porém, não podemos interpretar que necessariamente a variante específica falada pelos mais idosos seja uma forma mais arcaica da língua. Os resultados estão possivelmente relacionados à situação de que o bilinguismo tem aumentado nas comunidades Paresi. As crianças aprendem desde cedo o português nas escolas indígenas e os jovens estão cada vez mais inseridos na cultura não-indígena, não estão dando continuidade às práticas culturais, como por exemplo, aprender sobre as narrativas tradicionais (o que leva a um desconhecimento dos termos usados nesse gênero). Além disso, houve casos de variantes dadas pelos mais velhos que foram reconhecidas por alguns jovens (quando estes, por exemplo, buscam conhecimento com os mais velhos ou atuam como professores nas escolas presentes em suas comunidades), bem como é preciso pontuar que os falantes mais idosos usam ambas as variantes. Por fim, estudos comparativos preliminares apontam que, ao contrário do que era previsto, a variante específica ser a mais antiga, são os termos da variante usual que podem ser reconstruídos para o proto-Aruák, a exemplo de *hekere* ‘cutia’, que na língua mais próxima, o Enawene Nawe é *hekali* e no proto-Aruák é *p^hikili* (Payne, 1991).

Portanto, não é adequado afirmar que um dos principais fatores motivadores do duplo vocabulário é o fator situacional ou geracional, de forma isolada, pois mesmo que um jovem conheça as variantes específicas, ele não irá utilizá-las dentro de um contexto específico de uso das mesmas, a não ser que ele faça parte de um dos grupos sociais que possuem um papel fundamental em vários gêneros tradicionais. Nossa hipótese é de que a variação está relacionada ao fato de que as variantes específicas pertencem a um discurso especializado, sendo do tipo diastrática. Esse discurso é utilizado por grupos da



comunidade tais como contadores de histórias, cantores, pajés e benzedores, considerados aqueles que são detentores dos conhecimentos tradicionais, os sábios.

Durante as entrevistas feitas no ano de 2017 com o cacique, cantador e pajé da comunidade Rio Formoso, ele nos informou que algumas das variantes específicas eram utilizadas apenas em narrativas tradicionais e/ ou cânticos. As histórias tradicionais em Paresi são contadas por alguns anciões que se especializam nessa função e cada história está associada a um cântico que é cantado, durante as festas tradicionais, por cantores. Esses conhecimentos podem ser repassados oralmente pelos especialistas experientes para os jovens, que estão perdendo cada vez mais o interesse em aprender. Assim como descrito para o povo Munduruku por (Costa, 2017), há vários especialistas nessas comunidades indígenas como os especialistas em saúde, pesca, agricultura, artesanato, etc. Para o Munduruku, considerou-se a partir do estudo do termos relacionados à saúde indígena, a existência de uma etnoterminologia no discurso de especialistas como pajés, parteiras puxadores. Entendemos que uma análise semelhante possa ser proposta para o analisar os dados apresentados em Paresi, mas com relação ao discurso dos especialistas em histórias tradicionais. Uma investigação futura desses discursos específicos pode nos ajudar a entender melhor como funciona esse tipo de variação no Paresi.

Considerações finais

O artigo apresentou uma descrição dos tipos de variação existentes na língua Paresi, tendo como foco as motivações da variação lexical dos termos da fauna. Partimos da proposta de Lima-Sosinho (2018) e de autores anteriores de que os fatores geracional e situacional têm um papel importante nessa variação. Porém, identificamos alguns equívocos na interpretação dos dados e propomos que a variação encontrada nos dados analisados é do tipo diastrática.

Como está no próprio título do artigo, nosso objetivo aqui foi o de esclarecer algumas questões apresentadas no primeiro trabalho sobre variação em Paresi, utilizando novos dados já coletados, mas que ainda não tinham sido analisados. Infelizmente, tivemos algumas limitações com relação a encontrar ocorrências das variantes específicas



no banco de dados textuais, pois foram poucas ocorrências. Para confirmar a hipótese aqui apresentada é necessário fazer uma pesquisa de campo para coletar com os sábios Paresi informações sobre as narrativas tradicionais nas quais as variantes específicas são utilizadas.

Esperamos que com a melhora da situação de casos do covid-19 possamos em breve coletar essas informações e propor a elaboração de um glossário com essas variantes específicas, a ser feito conjuntamente com os professores indígenas. Buscamos com esta pesquisa também mostrar a urgência em documentar, descrever e valorizar os conhecimentos desses especialistas indígenas, muitos dos quais tiveram suas vozes silenciadas para sempre durante a crise pandêmica que vivemos.

Referências

- BRANDÃO, Ana Paula. **A reference grammar of Paresi-Haliti (Arawak)**. 457f. Tese de doutorado. University of Texas at Austin, 2014.
- BRANDÃO, Ana Paula. **Verb morphology in Paresi-Haliti (Aruák)**. Dissertação de mestrado. The University of Texas at Austin, 2010.
- BELIZÁRIO, Inézia; GOMES, Nataniel. A variação linguística na aldeia Cachoeirinha – Miranda/MS. **Ave Palavra**, Alto Araguaia, n.20, 2015.
- CARDOSO, Suzana Alice. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo. Parábola Editorial, 2010.
- COELHO *et al.* **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.
- COSTA, Nathalia. **Etnoterminologia na língua Mundurukú (Tupí): sistema de cura e cuidado na voz de pajés, parteiras e puxadores de desmentiduras**. Tese de doutorado. Universidade Federal de Brasília, 2017.
- da CUNHA GUEDES, Regis. Variável diaétnica: repensando a variação geolinguística pluridimensional contatual. **Revista Brasileira de Linguística Antropológica**, Brasília, v. 12, n.1, p.101-116, mai. 2020.
- DRUDE, Sebastian. **Observações para servir para uma ortografia do Waimaré**. Unpublished manuscript, 1995.
- KEZOMAE, Angelo. **Dicionário de palavras em desuso e seus correspondentes atuais**. Trabalho de conclusão de curso. Unemat 2006.
- LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008.



LIMA-SOSINHO, Larissa Wendel de. **Variação lexical em paresi-haliti: levantamento sociolinguístico do duplo vocabulário**. BELÉM-PA, 2018.

MAIA, M. **Manual de Linguística: subsídios para a formação de professores indígenas na área de linguagem**. Brasília, 2006.

MESQUITA, A. M. C. D. **Verbo ou adjetivo? Análise inicial das palavras descritivas em Paresi (Aruák)**. Trabalho de conclusão de curso. Universidade Federal do Pará, 2018.

MEYERHOFF, Miriam: **Introducing Sociolinguistics**. Routledge: Taylor & Francis e-Library. New York, 2006.

MOLLICA, Maria Cecília. **Fundamentação teórica: Conceituação e delimitação**. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística: O Tratamento da Variação**. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2013.

MOORE, Denny.; GALÚCIO, Ana Vilacy.; GABAS, Nilson Jr. **O desafio de documentar e preservar as línguas amazônicas**. In: Scientific American (Brasil): Amazônia (A floresta e o futuro). p. 36-43. n. 3.2008.

PADOVANI, Bruna. **Levantamento sociolinguístico do léxico Apurinã e sua contribuição para o conhecimento da cultura e história Apurinã (Aruák)**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Pará, 2016.

PADOVANI, Bruna. **Estudo do léxico da língua apurinã uma proposta de macro e microestrutura para o dicionário apurinã**. Tese de doutorado. Universidade Federal do Pará, 2020.

PAYNE, David L. 1991. Classification of Maipuran (Aruákan) languages based on shared lexical retentions. In: Derbyshire, D. C.; Pullum, G. K. (Eds.). **Handbook of Amazonian languages**. v. 3, p. 355-499

PEREIRA, Everton. **Estudo histórico-comparativo preliminar das línguas Paresi e Enawene Nawe**. Trabalho de conclusão de curso. Universidade Federal do Pará, 2018.

ROWAN, Orland; BURGESS, E. **Gramática Parecís**. SIL-AL 146, 1969 (2009, edição digital).

SILVA, Glauber. **Fonologia da língua Paresi-Haliti (Aruák)**. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ 2009.

SILVA, Glauber. **Morfossintaxe da língua Paresi-Haliti**. Tese de doutorado. Rio de Janeiro. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2013.

Recebido em: 17/04/2022 | Aprovado em: 26/07/2022

Publicado em: 07/07/2025
